

## Um nome, o que é?<sup>1-2</sup>

O trabalho clínico nos coloca às vezes num verdadeiro labirinto no qual cruzam nomes, sobrenomes, apelidos conjugando uma história composta de extratos arcaicos ou atuais, em tempos variados e... mais ainda, de parasitas que podem tornar a fala de um analisante numa espécie de rébus, cifrando e decifrando sua ficção histórica, da qual somos, quando analistas, um elemento discreto dessa montagem ou composição.

Encontrei-me diante de uma situação que me era até então inusitada, ao procurar me orientar para poder refletir e proceder corretamente na direção de um tratamento. Ao consultar minhas anotações de um tratamento sob minha responsabilidade, diante delas pude perceber que um nome próprio, em sua possível significação e sua literalidade, pode forjar um destino e se constituir como uma espécie de arqui signo de onde brota luz, uma pluralidade de significantes que iluminam, obscurecem e às vezes se estilhaçam numa explosão semelhante a um súbito raio, um corisco que traz -a- luz quando estamos amarrados num emaranhado enigmático do qual até então só podíamos constatar.

Assim, percebi pela fala de um analisante que seu nome na relação transferencial oscilava como um vagalume, oscilando através de um significante que se tornou símbolo, aplicado, colado a seu corpo, nome que ele atribuía a um ex-analista com o qual tivera uma tentativa de tratamento que fora rompido – que, na sua apreciação, aparecia como uma espécie de exibição de repetições de abortos e rupturas, como se assim fosse sua história, sua forma de pertença, seu arrimo existencial.

Pude, a partir de certo momento de seu tratamento, perceber que esse significante, em sua polissemia, congregava tanto o sujeito quanto o verbo e seu complemento. Ou seja, tornou-se uma conjugação do que até então se faria sua consistência existencial. Para minha escuta, ali se articulava uma espécie de parasita feito significante que imantava séries e séries de outros significantes, numa figuração “de um túnel infinito do qual esperava a luz de seu fim”, e justamente a luz que esperava no fim do túnel, na sua busca, sua queixa, a amarra literal de seu nome e do que ele chamava seu ex-analista.

Retive o enigma que a mim se apresentava, e pude perceber que ele se organizava em torno dessa busca de luz, já que dizia desconhecer sua origem e agregou em seu corpo e espírito uma série de emblemas, insígnias que o constituía como estrangeiro, como estranho no meio que vivia, depois de exílios os mais inusitados.

Estaria ele em busca de um Nome? Um novo nome que pudesse receber do Outro?

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na X JORNADA FREUD LACANIANA, em Recife, 5 de novembro de 2004.

<sup>2</sup> Agradeço ao psicanalista Alduísio Moreira de Souza pela interlocução e sugestões sobre este trabalho.

Encontrei na literatura algumas análises que me pareceram merecer referências, como, por exemplo, a de Ana Maria MACHADO<sup>3</sup> [1976]. Ela aponta várias leituras que são feitas sobre o nome próprio, ao analisar o texto rosiano à partir do nome de seus personagens. Examina os problemas do nome próprio fora da narrativa literária, concluindo, com Claude Lévi Strauss, que nome é elemento classificatório. Indagando-se o porquê do próprio, se seria por propriedade de seu portador, traz-nos ela a reflexão de que o nome próprio é a marca lingüística pela qual o grupo toma posse do indivíduo, sendo a denominação, também, a dominação do indivíduo nomeado pelo grupo. Toma de Lévi-Strauss a observação de que “os nomes próprios são propriedades do clã e guardados com ciúme”. Assim, “o grupo autor do nome tem autoridade sobre aquele que o porta”. O nome carrega uma história, ou, como talvez dissesse Marcel Mauss por extensão quando do seu ensaio sobre os dons: carrega o *hau* do portador.

No *Pensamento Selvagem*, por exemplo, Lévi Strauss aponta a existência, no nome próprio, de uma significação que possui um papel de operador de classificação, fazendo parte de um código, onde significações são transpostas para outras. Podemos inferir algo semelhante quando ele trabalhou sobre *As estruturas elementares do parentesco* ao se referir sobre regras de casamento, sobre, por exemplo, quem pode casar com quem, referindo-se esse quem a nome de linhagem, uma classificação, nome mítico do clã, advindo, esse, do seu Totem. Nome totêmico, mítico, então. Nome-do-Pai, operador lógico, instaurador de relações necessárias.

Sob tal ponto de vista, o que poderá ser para um sujeito a elisão ou o acréscimo de um outro sobrenome ao nome próprio?

Atentei para a observação de Ana Maria MACHADO de que, em Guimarães Rosa, temos duas personagens a negar o Nome-do-Pai: *Zé Bebelo*, no *Grande Sertão Veredas*, e *Segisberto Saturnino Jêia Velho, Filho*, no conto *Cara de Bronze* publicado no livro “No Urubuquaquá, no Pinhém”. *Zé Bebelo* foi registrado José Rebêlo Adro Antunes, filho de José Ribamar Pacheco Antunes, que o legitimou, mas não se casou com sua mãe, Maria Deolinda Rebêlo; *Zé Bebelo* escolhe o único sobrenome que lhe vem da mãe, Rebêlo, recusando os do pai. E o modifica, passando para Bebelo tendo por paradigma Joãozinho Bem-Bem. Mas dá a si mesmo outros nomes tomados de outros pais paradigmáticos, simbólicos, portanto, através da sua escolha e de seus nomes: Medeiros Vaz e Joca Ramiro: “- *Meu nome, d’ora por diante vai ser ah-oh-ah o de Zé Bebelo Vaz Ramiro*”. Notemos que o nome escolhido, *Zé Bebelo*, é foneticamente o anagrama de Belzebu ( observação essa que me fez o psicanalista Alduísio Moreira de Souza) e na referência a Joãozinho Bem Bem de *A Hora e a vez de Augusto Matraga*, está situado realmente num contexto diabólico de vida/morte. E quanto a *Segisberto*, esse é um prenome que é dito com múltiplas variações por seus vaqueiros, que afirmam dele não querer saber de *Filho* no seu nome, frisando que isso representa uma recusa do pai; os vaqueiros observam ainda que ele *não quis filhos, ele não quer pai*. O ato de retirar *Filho* do seu nome “*elimina a marca paterna ficando com o nome exatamente igual ao do pai e o incorpora em si*”. É o confronto com a

---

<sup>3</sup> MACHADO, Ana Maria. *Recado do Nome*. Leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. 3.ª ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

morte que faz Segisberto Velho mandar Grivo partir em busca do “quem das coisas” no seu passado. E, sobre isso, é exemplar a construção da linguagem em *Cara-de-Bronze*, sendo lucidamente destacada essa narrativa sobre Grivo, Velho e Tadeu, onde o Nome é um elemento chave na narração e para a decifração e compreensão do enredo do conto. Velho, que se fez igual ao pai, diz a Grivo que queria alguém que o abençoasse. Mas é Grivo e não Velho quem ouve “Deus te abençoe, meu filho”, dito por Tadeu, após este ter sido três vezes interrompido por Grivo com o pedido de sua benção, e a quem chamou de pai, sintomaticamente. Dessarte, Rosa construiu a charada num jogo lingüístico digno de registro: é que o Grivo, e só ele, passa a ter condições de responder a Velho, se por uma hipótese este lhe perguntar: “A benção, quem ta deu?”, respondendo: Pai Tadeu. Nessa resposta transmitia a ele, seu interlocutor, a benção, pela homofonia da resposta: *pai ta deu*. Demonstra aí que Tadeu ocupa o lugar de sujeito, verbo e objeto.

Philippe Julien<sup>4</sup> descreve sobre uma operação literal, lembrando o que dizia Lacan nos Escritos, p. 409: “ *Eu, a verdade, fãlo!* Apesar dele. Fala através de formações do inconsciente. E sua via é a da escrita, isto é, o que tem de letra, quer dizer, de inscrição, marcas na palavra, único caminho pelo qual se pode apresentar a relação do simbólico com o real. “*O sinal deve ser decifrado como vindo em lugar de um outro sinal, que torna assim apreensível, em virtude de um processo de transfêrência ou de transposição: sinal por sinal, letra por letra.*” Não deve ser lido em relação com o que o precede e o segue (vertente do sentido).(p. 103)

E lemos, em LACAN [15 de dezembro de 1971]<sup>5</sup>, que é enquanto letra que o significante recalcado retorna mais freqüentemente.

*A letra vem marcar o lugar de um significante que se arrasta por toda parte, e é feita para isso, pois é assim que ela se manifesta inicialmente. Mas não podem ser apreendidos, agarrados todos juntos, pois quando se tem alguns, [significantes, mas também poderíamos dizer, algumas letras], outros estão recalcados.*

Temos daí que nos comprazer na significância. Ora, a significância é da ordem do Real, diferente de significação, que é do imaginário. Fiquemos na letra. E a letra nos aponta um túnel sem fim, que leva ao infinito, e também uma luz com o nome provavelmente acrescentado. Seria do olhar que o pudesse iluminar como o olhar materno ao mirar o bebê atacadado em seu seio? Um olhar/luz que indicasse um caminho?

Se considerarmos o já referido, de que um nome não é próprio por ser propriedade de seu portador, mas porque lhe é apropriado, ele é duplamente apropriado: primeiro, porque é a marca de uma apropriação pelo outro e, segundo, porque além de sua escolha não ser aleatória, é escolhido sob uma certa adequação àquele que é nomeado, a exprimir sua singularidade, o que é uma operação classificatória.

---

<sup>4</sup> JULIEN, Philippe. *O Retorno a Freud de Jacques Lacan*. A aplicação ao Espelho. Artes Médicas. POA, 1993.

<sup>5</sup> LACAN, J. O Seminário, livro 19. “... Ou Pior”, 1971.

De acordo com o estudo citado sobre Rosa, os nomes de pessoas foram escolhidos em vista de sua polissemia, sendo por Rosa mesmo afirmado ser assim em vista da captação do dinâmico e do transformável. [RN 49], admitindo dessa forma uma multiplicidade de leituras, além de um personagem ter múltiplos nomes, como é o caso de Riobaldo: Tatarana, Cerzidor, Professor, Urutu Branco; portanto, uma polionomásia junto à polissemia onomástica. Nome que indica o funcionamento da narrativa e do desenrolar da ação.

**“Que é que é um nome? Nome não dá: nome recebe.” [GSV 150]**

Então, o nome, em seus personagens, assinala mudanças, sendo instável. Isso indica uma variação de tempo. E me deparei com a afirmação de Ana Maria MACHADO, de que há, aí, a existência de algo como uma conjugação dos nomes, processo já empregado por James Joyce em relação aos nomes dos personagens de *Finnegans Wake*. Como, por exemplo:

**“Anna was, Lúvia is, Plurabelle’s to be”**

Ainda com outros exemplos, mostra que os nomes próprios variam em tempo, mesmo não sendo verbos. Eles mudam a cada novo feito ou mudança de feito, como também podem permanecer imutáveis, constituindo a imutabilidade um elemento significativo, como no exemplo abaixo, onde o narrador quer mostrar o amigo fiel que “permanecia em tudo igual”, como na frase:

**“Alaripe se chamava até hoje se chama” [GSV 112]**

Em nossa referência clínica, se tomarmos o nome que acrescentou ao seu, em sua literalidade, *luz*, será que este não aponta para um significante que, além de ser o suposto nome do suposto ex-analista, também não revelaria o movimento de algo que estaria, no desejo, nascendo? Sendo dada à luz? O nascer aí pode se articular com o não ser por simples homofonia. Negar-se para a efetividade da vida, abortando os atos que a implicassem? E literalmente, *túnel* articula o nascer com o não-ser. Quem seria ela, ou, como dissemos, o que seria ela. Vemos aí como uma lógica de alguns significantes nos indica que perdas, lutos etc só se escrevem, sem fazer sintoma com a construção de um mito originário. Sem esse, ela seria um quê (coisa) e jamais quem (sujeito), e a letra, no sentido de traço, marca, pertença seria letra morta, aborto, um *túnel* sem fim. O túnel sem fim aí gera um ser que é, em si, sua própria negação. Guimarães Rosa nos ensina que o “quem das coisas” é o espírito, a poesia, ou suas “palavras cantigas”.

Mas, e a elisão desse nome posteriormente, recuperando sua realidade, levando-a a procurar por análise, a querer pôr um fim a essas interrupções que a impedem de dar prosseguimento ao que inicia, será que não apontaria que o primeiro movimento de transformação já era um movimento para a procura de uma imagem sua que possivelmente fora perdida, à qual recompor em identificação especular, por imitação ou mesmo por imantação?

MARIA TEODORA DE BARROS OLIVEIRA

Podemos aqui situar um procedimento literário análogo. Joyce, em seu *Finnegans Wake* (p. 419, citado por P. Vizioli in: *James Joyce e sua obra literária*):

*“In the name of Father and of Son of Holy Ghost. Amen.”* (Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo. Amém.)

*“In the name of the former and of the latter and of their holocaust. Allmen.”* (Em nome do primeiro e do último e do seu holocausto. Todos os homens).

Nascer/não ser, luz-luzir. Não ser, ser nada, ser sua própria anulação? Seu holocausto? Não seria esse ato de carregar um nome não seu, senão, literalmente, o da busca de um renascer transferencial que se ordena para a luz (vida) e não para o nada? ?

**Da luz was, vida is, Nascer's to be?**